



ISSN 1984-5634

DOSSIÊ

AS NARRATIVAS HISTÓRICAS NAS VIDEOAULAS DO *YOUTUBE*: REPRESENTAÇÕES, TEMPORALIDADES E USOS

*Historical narratives in YouTube video classes:
representations, temporalities and uses*

PEDRO BOTELHO ROCHA¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo dialogar sobre as diversas formas de representações e construção de narrativas históricas nas chamadas videoaulas de História do *YouTube*. Pretendemos identificar na prática dos chamados Professores Youtubers as diferentes construções, seus contextos, e como o conhecimento histórico é integrado a partir desses elementos narrativos, utilizando como base teórica algumas contribuições de Paul Ricoeur. Para este trabalho, analisamos três canais do *YouTube* (Profa Anelize, MundoEdu e Se Liga: Enem e Vestibulares) e suas videoaulas como produtos audiovisuais para o Ensino de História. Como resultado da pesquisa identificamos como elementos comuns aos Professores Youtubers: a preocupação com a síntese do conhecimento histórico, a retórica narrativa lúdica, teatral ou informal e a oralidade expositiva.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História; *YouTube*; Cultura Digital

ABSTRACT

This article intends to discuss the various forms of representations and construction of historical narratives in the so-called history video classes on *YouTube*. We pretend to identify the different constructions, their contexts and how the historical knowledge is integrated from these narrative elements, using as theoretical basis some contributions of Paul Ricoeur, through the practice of the so-called Youtubers Teachers. For this work, we analyze three *YouTube* channels (Profa Anelize, MundoEdu and Se Liga: Enem e Vestibulares) and their video classes as audiovisual products for History Teaching. As a result of the research, we identified as common elements to the Youtuber Teachers: the focus on the synthesis of historical knowledge, the narrative rhetoric as ludic, theatrical or informal, and the expository orality.

KEYWORDS: History Teaching; *YouTube*; Digital Culture

EDITOR-CHEFE:

Vicente da Silveira Detoni

EDITORA-GERENTE:

Renata dos Santos de Mattos

SUBMETIDO: 19/08/2022

ACEITO: 08/04/2023

COMO CITAR:

ROCHA, P. B. As narrativas históricas nas videoaulas do *YouTube*: representações, temporalidades e usos. *Aedos*, Porto Alegre, v. 15, n. 34, p. 286-297, jul.–dez., 2023.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

¹ Licenciado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), mestre em Ensino de História pela Universidade Federal de Pernambuco (ProfHistória – UFPE), doutorando em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). ORCID iD: 0000-0003-1328-0788. Email: pedro.botelho.rocha@gmail.com

A cultura digital contemporânea tem demonstrado que a produção e circulação do conhecimento se espalha rapidamente nos vários núcleos das redes de maneira ubíqua, acelerada e multiforme. Dentre os vários espaços frequentados a todo momento por usuários consumidores e usuários produtores, temos o site *YouTube*, criado em 2005, que funciona duplamente como um repositório de vídeos online e uma rede social.

Citar o *YouTube* na temática das conectividades e relações de poder e comunicação da cultura digital é bastante frequente, tendo em vista que o site é um dos produtos mais consumidos na internet, precisamente o segundo site mais acessado do mundo, excetuando o *Google*, empresa que o administra desde 2006. Em uma cultura de hipertextos, o audiovisual (imagens e sons em movimento) ganha novos contornos e significados. Jawed Karim, um dos fundadores do site, aponta alguns fatores para seu sucesso tais como a recomendação de vídeos, os links de email para compartilhamento, os comentários dos usuários e a possibilidade de incorporar os vídeos em outras páginas da web. (BURGESS; GREEN, 2009, p. 18 *apud* SOUZA et al, 2020, p. 11). Assim, a cultura participativa baseada na interatividade entre os usuários reforça e dá sentido a novas práticas.

Os conteúdos depositados no *YouTube* seguem duas essências básicas: os vídeos amadores, cuja natureza teria guiado primordialmente a criação do site sob o lema do *broadcast yourself*, ampliando a possibilidade de produção e interação da própria comunidade em relação a ela mesma. E também os vídeos profissionais, fruto de uma avassaladora chegada de grandes companhias de mídia e comunicação, trazendo novos formatos de vídeo, interesses e práticas.

O *YouTube* não se vincula apenas à esfera do entretenimento, embora seja uma de suas principais forças. Ele também se apresenta como um local na rede no qual se compartilha saberes, informações e conhecimento, seja por aquilo que é gravado e disponibilizado em vídeo, seja pelo interesse dos usuários que demandam instruções de diversas áreas, sendo impossível delimitar integralmente todas elas. Isto posto, nos parece correto afirmar que a plataforma é um local para ensinar e aprender:

Videoaulas, canais que empregam a temática histórica ou declarações de influenciadores digitais acerca de algum período, processo ou fato histórico têm sido cada vez mais as referências citadas por aqueles estudantes que se valem desta gama de possibilidades de acesso à informação e conhecimento que é a internet. (AROSA, 2019, p. 2)

Dentro dos dois campos que coexistem no site, amador e profissional, o conhecimento histórico é trabalhado e disseminado por diversos personagens (usuários e produtores), objetivos e modelos de vídeos. O audiovisual se encontra com a História no *YouTube* através de fontes, documentários, resenhas, exposições, filmes, videoaulas, vídeos de opinião, telejornais, programas, podcasts e muitos outros. Há uma demanda social bastante latente por esse tipo de conhecimento histórico dentro dos espaços midiáticos nas redes:

Podemos dizer que há uma história carregada nas mãos dos estudantes que se infiltra na sala de aula e, em boa medida, se sobrepõe ao trabalho do professor. Nos vídeos do *Youtube*, podemos encontrar vários canais cuja promessa principal é que você vai “aprender rápido a História” com os resumos de “cinquenta minutos em cinco” (MELO; MENESES, 2021, p. 346)

Assim como há uma diversidade de formatos para apresentar, consumir e manejar o conhecimento histórico, há também um leque de representações, composições, temporalidades e rearranjos de elementos

da escrita da História. Partilhamos da preocupação de Meneses e Melo no que se refere a analisar quais conceitos de tempo e história estão sendo produzidos e veiculados, quais regimes de historicidade estão sendo delimitados dentro do mundo virtual (MENESES; MELO, 2017, p. 158-159). Sendo assim, o objetivo deste trabalho é dialogar acerca das narrativas históricas e suas operações executadas por professores de História nas videoaulas depositadas no *YouTube*. Pretendemos enxergar esse fenômeno como um processo integrado entre a historiografia, ensino de História e comunicação midiática.

TIPOS DE VÍDEOS DE HISTÓRIA NO *YOUTUBE* E PROFESSORES YOUTUBERS

Desde a aquisição do *YouTube* pela *Google* e o aumento na propagação de mais conteúdo profissional na plataforma, percebemos que esse movimento também se relaciona com os vídeos que abordam o conhecimento histórico. São materiais audiovisuais com diferentes vicissitudes e características, como é a tendência do próprio *YouTube*, o que amplia também nossas possibilidades de interpretar tais produções pelas suas condições comunicativas e historiográficas. Assim, podemos dizer que há uma tarefa dupla em quem analisa o fenômeno dos vídeos de História no *YouTube*: compreendê-los através da sua linguagem comunicacional midiática e de seu trabalho com o conhecimento histórico:

Dada a sua condição de produto, uma vez que precisa de uma audiência disposta a interagir com eles, os vídeos efetivam dois aspectos que se interrelacionam de maneira inseparável: precisam ser, ao mesmo tempo, conteúdo didático e entretenimento. [...] Se em sala temos uma “audiência cativa”, reunida a partir de uma estrutura disciplinar, de tempo e conteúdo, que lhes apresenta poucas alternativas de burla, nela a ideia de conteúdo como entretenimento raramente é cogitada; fora daquele espaço, essa dimensão será fundamental para que o canal se sobreponha a outros como referência. (MELO; MENESES, 2021, p. 350)

Assim, para analisarmos como esse conhecimento é produzido e articulado, compondo representações do passado através de narrativas históricas audiovisuais no *YouTube*, é preciso também analisar os atores que viabilizam os saberes históricos. Como Souza *et al.* (2020, p. 15) explica:

Quando se trata de ensino, é necessário ir além do “pensar histórico”, é preciso construir Conhecimento Histórico (RUSEN, 2015) e, no caso dos profissionais de História que utilizam o *YouTube*, é preciso construir tal conhecimento através de uma tela e a partir dos recursos que a plataforma os oferece.

A partir disso, surge a necessidade de diferenciar os tipos de vídeos de História que se encontram depositados na plataforma e como esses diferentes tipos se articulam com esses diferentes personagens.

As produções audiovisuais permitem construir diversos sentidos e significados através do arranjo e rearranjo de seus elementos comunicativos, através de ferramentas de edição, inclusão de imagens, sons, textos, gráficos e várias outras possibilidades. A partir desses elementos, as narrativas podem ganhar contornos e velocidades distintas, a partir de sua duração (curta ou longa), ritmo (dinâmico ou estático) e enredo. A recepção e percepção por parte do público consumidor são afetadas a partir de todo esse contexto, assim como a própria temporalidade:

A configuração temporal articulada na internet dissolve o modelo cronológico predominante no espaço escolar e abre possibilidades de interações totalmente diferentes. Há outro aspecto: se em sala de aula o tempo disciplinar da hora-aula predomina, no espaço público, o tempo tem a flexibilidade tanto daquele que procura o conteúdo como daquele que o oferece. Assim nos deparamos com uma espécie

de “babel do tempo”, onde se misturam de forma desconcertante o passado, o presente e o futuro. Os próprios acontecimentos históricos muitas vezes são narrados em blocos desarticulados de processos temporais mais amplos, como que encerrados dentro deles mesmos. (MELO; MENESES, 2021, p. 351)

Simultaneamente, o conhecimento histórico introduzido nessas produções audiovisuais também viabiliza outras formas de abordagem, seja pelo público em geral, professores e historiadores. Os usos do passado são reescritos e remontados em diferentes narrativas organizadas pela comunicação audiovisual. Portanto, nos parece correto concordar que o conhecimento histórico no *YouTube* não pode ser analisado por um único campo de estudo. Ao contrário, acreditamos na seguinte proposta de divisão dos vídeos de História no *YouTube*: *vídeos de memória*, utilizados para fins políticos ou pessoais, onde seus autores utilizam o conhecimento histórico através da memória, enquanto instrumento de argumentação; *vídeos de consumo*, que comunica saberes históricos para um público não iniciado e se coliga aos estudos da História Pública; por fim, as *videoaulas*, que estabelecem o ensino de História como principal objetivo (RAMOS NETO; SÁ, 2019, p. 173-175).

Embora essa divisão tripartite possa ser apontada como generalista, ela atende aos propósitos de identificação primária das diversas formas como o conhecimento histórico é articulado e disseminado neste núcleo da cultura digital por meios audiovisuais. Para os propósitos deste trabalho, vamos destacar o terceiro tipo de vídeo de História no *YouTube*, as videoaulas, como principal material de análise, na tentativa de observar as diversas representações contidas nas narrativas históricas que tem como objetivo o ensino de História.

Antes, porém, se faz necessário delimitar a atuação dos atores que se propõem ensinar o conhecimento histórico através do *YouTube*, notadamente na esfera do ensino não formal (BONINI-ROCHA et al, 2014). Na sua maioria, esses atores são professores de História, com ou sem experiência em sala de aula, que decidem produzir vídeos e compartilhá-los nas redes. Muitos contam com assessoria e equipes de produção e edição, enquanto outros aprendem parcialmente algumas dessas técnicas de comunicação. De todo modo, as videoaulas são produtos audiovisuais formulados por profissionais docentes para fins pedagógicos, em nosso caso o ensino de História. Desta forma, a literatura sobre o tema vem denominando estes profissionais de *Professores Youtubers*, onde muitos deles integram os saberes docentes e suas práticas com as relações comunicacionais da cultura digital, suas técnicas e sentidos midiáticos

Portanto, o aparecimento e identificação desse novo perfil docente, alguém que usa seus conhecimentos profissionais e acadêmicos com as linguagens das mídias digitais, é um processo que se integra às demais experiências da cultura digital e suas modificações nas relações humanas. Arosa diz que “Se a História é a disciplina acadêmica que se debruça sobre as experiências humanas no tempo, é inegável que a internet as alterou e, conseqüentemente, também modificou as formas de atuação do historiador e do professor de História” (2019, p.7).

Como parte do fenômeno do ensino por meios digitais, as videoaulas de História no *YouTube* são registros da cultura das redes, portanto são dotadas de historicidade e também surgem como objeto de interesse da pesquisa histórica, além do campo do Ensino de História. O trabalho dos Professores Youtubers é localizado em uma zona de fronteira entre a cultura escolar e a cultura digital, o que nos permite buscar compreender a interculturalidade presente nesta prática pedagógica e midiática.

NARRATIVAS HISTÓRICAS NAS VIDEOAULAS DO *YOUTUBE*

As videoaulas do *YouTube* são instrumentos cuja intencionalidade é instrucional, articulada por saberes pedagógicos através do crivo destes Professores Youtubers. Como produção audiovisual previamente gravada, editada e depois disponibilizada no site, prevalece a exposição oral, muitas vezes integrada aos elementos da comunicação (vinhetas, legendas, imagens, sons, fontes, trechos de vídeos etc.). Os sentidos narrativos são constantemente complementados ou reformulados a partir desses elementos metalinguísticos da produção. Melo e Meneses apontam que:

Entre os vídeos mais bem-sucedidos em termos de audiência, dificilmente iremos encontrar aqueles muito longos, pois, no tempo condensado do espaço virtual, quanto maior a capacidade de síntese, mais ele atrai internautas. Isso interfere sobre como a narrativa histórica será organizada a partir de sínteses históricas cada vez mais reduzidas (2021, p. 351).

Arosa (2019) entende que os vídeos produzidos para o *YouTube* possuem objetivos que giram em torno da expansão do alcance e geração de engajamento do público, condicionando e adaptando o conhecimento histórico a esses interesses. Dessa forma:

A preocupação estaria centrada nos possíveis formatos narrativos, artísticos e midiáticos vistos como mais eficientes para alcançar um maior número de pessoas (SANTHIAGO, 2016). Uma discussão onde se ressalta a necessidade e a diversidade de possibilidades de divulgação do conhecimento histórico, mas também os possíveis e diversos formatos de entretenimento histórico. (AROSA, 2019, p. 4)

Sendo então um dos aspectos mais latentes que encontramos nas videoaulas de História, a oralidade como principal instrumento didático direciona o conhecimento histórico da seguinte maneira: ele é exposto, apresentado pelo Professor Youtuber, que deve articular fatos, contextos, cenários, personagens, estruturas de curta, média e longa duração, características, configurações e toda sorte de elementos que compõem a consciência sobre o passado e suas operações metodológicas.

Como apontado por Pereira e Torelly, a aula expositiva é alvo de críticas por várias correntes pedagógicas já há algum tempo, pois se interpreta que:

É comum supor que ministrar uma aula expositiva tem a ver com informar/comunicar e representar, duas funções comuns a uma linguagem representacional, que informa algo e que representa uma realidade passada, de maneira que o ensino da História por meio da exposição oral torne-se um processo de cristalização do que é passado, dando a sensação aos estudantes e ao próprio professor de que a História é, em si mesma, um passado facilmente representado e informado pela via da fala do docente (2014, p. 289).

Para Melo e Meneses (2021, p. 352), nos vídeos os acontecimentos não são problematizados, nem colocados nas discordâncias, conflitos e discussões metodológicas inerentes da produção do conhecimento. Trata-se de uma exposição unilateral da História, na qual os acontecimentos são encaixados e explicados em uma trama onde os sentidos são produzidos e determinados pelo narrador, como uma observação de cenas do cotidiano.

Para Rodrigues de Oliveira, os vídeos disponibilizados por diversos canais do *YouTube* possuem uma clara limitação quanto ao trabalho com os diversos elementos que compõem a produção do conhecimento histórico:

Entendemos que um canal de *YouTube* que produz conteúdo baseado apenas na ideia de narrativa pura e simples impede o contato dos alunos com os elementos necessários para a construção do conhecimento histórico. Isso faz com que os estudantes vejam a História como uma forma de saber livre, em que não há reflexões acerca de como os processos históricos se constituem e a importância de compreendê-los. (2022, p. 85)

A oralidade das aulas de História no *YouTube* buscam, então, formular recursos narrativos para representar o conhecimento sobre o passado em si mesmo. Tendo em vista que as videoaulas do *YouTube* são objetos previamente gravados, como dissemos anteriormente, esse discurso formulado é proveniente apenas do trabalho do Professor Youtuber, sem a possibilidade de uma construção coletiva dos alunos que vão consumir essa aula disponível da rede. No *YouTube* a interação ocorre de maneira posterior, assim como o diálogo entre produtores e consumidores, professores e alunos. Assim, esse caráter instrucional expositivo diretamente focado no professor é reforçado pela própria configuração da plataforma de vídeos.

No entanto, acreditamos que as videoaulas de História no *YouTube* são objetos de estudo que podem demonstrar que os professores tecem diferentes narrativas históricas a partir de recombinações de elementos do ensino da História, ainda que estejam centralizados na aula expositiva. As diversas narrativas encontradas na plataforma são possibilidades de articulação, divulgação e apropriação de saberes sobre o passado e que vem ganhando popularidade enquanto fenômeno da cultura digital (AROSA, 2019, p. 3).

Os Professores Youtubers adaptam linguagens, estilos, técnicas e metodologias da escrita da História e da comunicação para formular um produto pedagógico que maneja saberes históricos racionalmente arquitetados e apresentados. Na pesquisa de Meneses e Melo (2017) sobre sites educacionais de História, encontramos uma ideia que nos parece ser bastante identificável também nas videoaulas de História no *YouTube*: a hibridização de diferentes perspectivas metodológicas e historiográficas, gerando, assim, narrativas históricas dotadas de singularidades. Para os autores:

Podemos dizer que há hibridizações de paradigmas na organização desses conteúdos, sendo alguns mais complexos do que outros. Misturam-se perspectivas historiográficas distintas que fazem desses espaços verdadeiras bricolagens conceituais bastante difíceis de situar em apenas uma vertente teórica ou mesmo temporal (MENESES; MELO, 2017, p. 167)

Para exemplificar as práticas e saberes articulados pelos Professores Youtubers de História, propomos aqui analisar as produções audiovisuais de três canais que se encontram na plataforma. Os critérios utilizados foram: número de inscritos no canal (a partir de dezenas de milhares de inscritos); frequência de produção (atividade periódica desde a fundação do canal); quantidade de vídeos (ao menos dez vídeos produzidos); e se o conteúdo do canal é focado para o Ensino Médio, Enem e vestibulares, tendo em vista que as videoaulas possuem uma relação de proximidade aos currículos escolares.

Assim, foram selecionados os canais: “Profª Anelize”², canal criado em 2018 pela professora Anelize Vergara, possui 42,5 mil inscritos, 1.742.399 visualizações. “MundoEdu”³: criado em 2013 pelo professor Éderson Gaike da Rosa, o professor Bussunda, o canal inicialmente era chamado de

2 Disponível em: <https://www.youtube.com/@profanelize>. Acesso em: 01/06/2023.

3 Disponível em: <https://www.youtube.com/@MundoeduBrOficial>. Acesso em: 01/06/2023.

“MundoHistória”. Possui 443 mil inscritos, mais de 19 milhões de visualizações, possuindo vídeos de História e outras disciplinas. E por fim, o canal “Se Liga – Enem e Vestibulares”⁴: criado em 2014 pelo professor Walter Solla, o canal era inicialmente chamado “Se Liga Nessa História”. Possui 1,53 milhão de inscritos, mais de 71 milhões de visualizações e vídeos divididos entre História e outras disciplinas.

Como conteúdo comum a ser analisado nos vídeos dos três canais, decidimos por uma temática relacionada a História do Brasil, onde escolhemos a Era Vargas, levando em consideração que é um tema considerado recorrente nas pesquisas, demandas de alunos e abordado em provas do Enem e demais vestibulares. Como critérios metodológicos para a elaboração da análise das videoaulas, optamos por seguir algumas orientações apresentadas por Marcos Napolitano⁵, tais como: se os vídeos foram pensados e gravados para o site do *YouTube*; se há predomínio de um narrador, auxiliado ou não por imagens e elementos de edição; a organização do vídeo (duração, apresentação, divisão do material); linguagem e estilo (formalidade ou informalidade, ritmo, aspectos de edição); análise historiográfica (teses ou correntes historiográficas predominantes, revisionismos ou negacionismos, periodização, cronologia, referências bibliográficas, documentos e fontes históricas); produção e circulação (financiamento ou apoio de alguma empresa, grupo editorial ou se foi criado pelo próprio professor, se possui público-alvo específico, etc.). Esses elementos auxiliam na identificação das características midiáticas das videoaulas, e também nas formas de manejo do conhecimento histórico dentro desses materiais audiovisuais.

Nos três canais, prevalecem os professores como apresentadores do conteúdo, eles aparecem em frente às câmeras, expõem suas falas, conduzem as narrativas em forma de fluxo contínuo, onde se destrincha conceitos, comenta, destaca e enfatiza elementos de sua explicação. A linguagem predominante é a informal, coloquial, descontraída, utilizando o humor ou o recurso de gírias em alguns momentos, numa tentativa de estabelecer relações com o público consumidor e facilitar o processo de didatização do discurso. A retórica dos vídeos segue como instrucional, intercalada com exposição de informações e análise de fatos históricos, conceitos, acontecimentos e relações temporais entre passado e presente. Enquanto a professora Anelize presa por uma linguagem mais comedida e analítica, em um ritmo mais lento comparado aos demais canais, o professor Bussunda se vale de uma explicação mais acelerada, em um vídeo curto (3:07 minutos), focada na revisão de conteúdos já adquiridos pelos alunos, com alguns momentos de humor e teatralidade como acessórios do discurso. O professor Walter também opta por esses dois últimos atributos, inserindo elementos fabulatórios e imaginativos, como cenários, falas, pessoas e características que vão se interligando ao que é narrado no vídeo.

Assim, identificamos que a professora Anelize opta por uma abordagem explicativa e analítica daquilo que é narrado, o professor Bussunda procura revisar um conhecimento prévio, conectando-o ao contexto histórico explicado por ele, enquanto o professor Walter também possui uma viés explicativo em sua narrativa, utilizando recursos lúdicos que possam inserir o aluno no enredo proposto.

Em linhas gerais, os três professores de História conduzem suas narrativas preocupados em determinar estratégias retóricas e didáticas que facilitem a apreensão dos discursos apresentados. Isso é percebido não apenas na oralidade da explicação, mas também nos elementos de pós-produção,

4 Disponível em: <https://www.youtube.com/@SeLigaEnemVestibulares>. Acesso em: 01/06/2023.

5 Informação concedida na conferência de encerramento “A História e a linguagem audiovisual nas redes sociais”, apresentada no XIII Encontro Estadual de História: História e mídias: narrativas em disputa. Recife, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8uTH0AzqjBY>. Acesso em: 01/06/2023.

como vinhetas, figuras, linhas do tempo, quadros e outros recursos comunicativos que vão surgindo na tela do espectador. Como citamos anteriormente, a síntese discursiva e unilateralidade da narrativa histórica são colocadas em prática dentro dessas videoaulas como princípios norteadores do roteiro a ser gravado e do conhecimento histórico a ser trabalhado.

Metodologicamente os canais também possuem algumas semelhanças. Eles não procuram fazer qualquer tipo de revisionismo historiográfico dos conteúdos, nem questionar as versões da História encontradas nos currículos escolares, algo muito presente nos vídeos de opinião facilmente encontrados no *YouTube*. Pelo contrário, há uma continuidade da divisão muitas vezes contida nos livros didáticos, sendo, por isso, mais uma evidência de que esses produtos midiáticos digitais podem ser alinhados ao ensino não formal.

Referências e utilização de fontes são corriqueiramente ignoradas por muitos Professores Youtubers de História em seus vídeos. Quase como uma tendência da cultura digital, onde a replicação ubíqua e acelerada das informações desapropria as origens das mesmas, constatamos que são poucos vídeos de conteúdo historiográfico que trazem no corpo ou na descrição do vídeo ou na sessão dos comentários. O uso de referências é algo apenas encontrado no vídeo do professor Walter, enquanto nos casos da professora Anelize e professor Bussunda não há qualquer indicativo delas. Quanto ao uso de fontes históricas documentais, temos o trabalho com charges apenas no vídeo da professora Anelize, utilizando o jornal “O Careta” enquanto representação do acordo entre elites políticas no período da Primeira República brasileira que ficou conhecido como “Café com Leite”.

A representação temporal contida nos três canais traz uma perspectiva cronológica linear e teleológica, na qual, como dissemos anteriormente, encontramos um fio condutor dos fatos históricos que fornece sentidos e confluências. Na perspectiva de Paul Ricoeur, segundo D’Assunção Barros (2012, p. 2) a História é lógica e temporal, cenário no qual o historiador organiza dialeticamente o tempo estrutural e o tempo vivido através da construção das narrativas.

Sendo assim, os professores de História no *YouTube* também deveriam operar segundo essa narratividade, trazendo conceitos, formas, mentalidades, ideias e categorias estruturais que servem como cenários ou personagens que trazem à tona os fatores humanos do tempo passado. Em suas exposições orais e hipertextuais, esses professores procuram uma lógica explicativa que se encontra com a narrativa, construindo laços do discurso, objeto do historiador, pois “a narrativa é sempre constituída de uma trama que constitui seus diversos episódios e, além de ligá-los entre si, os coloca em relação com o enredo mais amplo, daí resultando uma totalidade significativa” (D’ASSUNÇÃO BARROS, 2012, p. 7).

Na obra *História e Verdade*, Paul Ricoeur nos diz que há uma predisposição de enxergarmos na História uma certa objetividade, que seria conveniente para o trabalho do historiador. Caberia a ele, na sua vivência, recortar, reconstruir, arrumar e posicionar metodologicamente a objetividade e a subjetividade dos discursos sobre o passado:

Não é ambição da história fazer reviver, mas recompor, reconstruir, isto é, compor, constituir um encadeamento retrospectivo. Consiste a objetividade da história precisamente na renúncia à coincidência, à revivescência, nessa ambição de elaborar encadeamentos de fatos ao nível de inteligência historiadora (RICOEUR, 1968, p. 26)

Cabe ao historiador o trabalho da síntese histórica, procurar analisar as relações entre os fatos e fenômenos do passado através daquilo que ele próprio distinguiu. Compreender e explicar são elementos complementares do ofício do historiador, principalmente quando levamos em consideração que nenhum nexos que ordena os acontecimentos do passado pode contemplar toda a história (RICOEUR, 1968, p. 27).

Ricoeur relaciona quatro elementos que conduzem a subjetividade do historiador. Em primeiro lugar, cabe a ele o julgamento dos eventos e fatores que lhe parecem importantes, pois “é a narrativa que se mostra encadeada, carregada de significação graças à continuidade” (1968, p. 29). Segundo, o princípio da causalidade, onde forças e estruturas movem os fatos e as condições no fluxo dos acontecimentos que são explicados metodicamente.

Vemos que nas videoaulas analisadas neste trabalho esses elementos formulados por Ricoeur também estão presentes no cotidiano do ofício do Professor Youtuber de História. Embora se encontrem, inter cruzem em muitos caminhos discursivos, encontramos três diferentes abordagens conceituais sobre um mesmo recorte histórico, o governo de Getúlio Vargas, e como os professores também articulam os saberes que dão coesão narrativa, posicionando holofotes em determinados personagens, coadjuvantes e suportes, como uma peça arquitetada para amarrar um discurso racional sobre os acontecimentos passados.

Enquanto o professor Bussunda busca ligar fatos e contextos que dão sentido ao cenário econômico do café paulista e a intervenção varguista, a professora Anelize exalta aspectos da política do coronelismo e sua transição para o centralismo do governo federal. Já para o professor Walter, os acordos e confluências de objetivos que colocaram a figura de Getúlio Vargas como força motriz para uma ruptura da lógica política com a Revolução de 1930. Em três ocasiões, identificamos o poder da narrativa e da subjetividade da História, pois o Professor Youtuber narra exatamente os nexos causais, os embaraços, incongruências e demais fluxos que lhe parecem pertinentes, movimentando as forças e estruturas que agem sobre os homens no transcórrer do tempo.

O terceiro elemento citado por Ricoeur está no distanciamento da História e do historiador, trazendo consigo as mudanças e permanências, inclusive quando se estabelece conceitos, nomes e linguagens próprias para explicar fenômenos do passado. Neste quesito, os Professores Youtubers de História trazem consigo a síntese didática dos fatos históricos, implicando não apenas na causalidade das suas explicações, mas a migração de um arcabouço de elementos do passado a uma comunicação midiática contemporânea:

Como denominar e inserir na linguagem contemporânea, na língua nacional atual, uma instituição, uma situação hoje abolida, senão pelo emprego de semelhanças funcionais, em seguida corrigidas pela diferenciação? Baste-nos lembrar as dificuldades vinculadas a termos como tirania, servidão, feudalidade, Estado, etc. Cada qual atesta a luta do historiador em prol de uma nomenclatura que permita ao mesmo tempo identificar e especificar. (RICOEUR, 1968, p. 30)

Como parte da didatização do saber histórico, o Professor Youtuber de História também se preocupa com a historicidade dos conceitos, nomes, ideias e demais palavras, além, logicamente, dos elementos discursivos, narrativos e epistemológicos de sua prática. Cabe a ele, dentro das videoaulas

que disponibiliza do *YouTube*, também selecionar e silenciar os conceitos que entrarão em cena dentro de sua explicação.

O quarto elemento da subjetividade do historiador é a compreensão dos homens. Existe, para Ricoeur, um desejo pela explicação, da qual a subjetividade da História evoca valores do passado. Assim, coincide na atuação do historiador a abertura para o inesperado, para sua subjetividade, pois “a realidade absoluta do vivido humano passado que tenta recuperar-se numa reconstrução cada vez mais articulada, em sínteses analíticas sempre mais diferenciadas e ordenadas” (RICOEUR, 1968, p. 31).

Nesse quesito, nos parece pertinente imaginar a importância que o lugar do *YouTube* tem como um aglutinador de narrativas históricas através das videoaulas. Um campo de experiência da cultura digital, no qual podemos debruçar sobre um conjunto de práticas midiáticas que vinculam o ensino de História, a metodologia de sua escrita e a subjetividade do historiador. O *YouTube* pode ser, então, um lugar da contemporaneidade que reúne respostas sobre essa necessidade de reconstruir o passado através das reflexões analíticas cada vez mais articuladas? Para isso, Meneses e Melo citam que:

Essas narrativas advindas dos universos virtuais nos possibilitam compreender processos de construção, apropriação e distribuição de conteúdos realizados por seus usuários divididos em vários estratos que se cruzam e fazem parte do nosso próprio processo de formação histórica (2017, p. 176)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Professor Youtuber de História é um profissional que trabalha em uma intersecção da cultura escolar com a cultura digital, reunindo saberes que passam pelo disciplinar, midiático e comunicacional. É uma figura que compreende seu campo de atuação e as estratégias que permitem o êxito com seu público-alvo, proposta pedagógica, linguagens hipertextuais do cotidiano das mídias digitais etc. Além disso, através de seu ofício enquanto historiador, procura conceber a escrita do conhecimento histórico através de seus pressupostos teóricos e metodológicos, objetivando também seu ensino através dos procedimentos didáticos.

A concepção desse perfil docente pode ser considerada uma possibilidade diante de uma demanda crescente de estudos sobre o ensino de História por meio audiovisuais, campo de investigação que se encontra em franca ascensão, porém ainda com poucos trabalhos que posicionam a dimensão audiovisual do *YouTube*. Pensarmos o conceito de Professor Youtuber é caminhar através de uma realidade profissional e metodológica que perpassa as últimas décadas de formação de profissionais da educação, sobretudo a formação histórica.

Em seu trabalho, o Professor Youtuber de História chama para si um conjunto de hibridizações e artifícios que possam materializar seus discursos sobre o passado que fluem através de suas videoaulas. Mesclando a histórica estrutural e a história narrativa, mentalidades, eventos de longa duração, personagens e seus contextos, enfim, toda uma sorte de elementos que estão disponíveis para e funcionam através da subjetividade do Professor Youtuber de História.

Os três canais do *YouTube* que foram analisados, através da observação de três professores com práticas e concepções distintas sobre a História, nos permitem aferir, ainda que em escopo menor, quais são os formatos de representações históricas contidas no mundo digital, e o que os profissionais

da educação responsáveis pela sua elaboração oferecem como produtos pedagógicos que vinculam o conhecimento histórico através do audiovisual.

REFERÊNCIAS

BARCA, I. Aula oficina: do projeto à avaliação. In: *Jornada de educação histórica*, Anais. Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED), Universidade do Minho, p. 131-144, 2004.

BARROS, A. R. O uso de vídeos do *YouTube* como fonte histórica por meio da aula oficina. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. *Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE*, 2014. Curitiba: SEED/PR., 2016. V.1. (Cadernos PDE)

BERGMANN, J., SAMS, A. *Sala de Aula Invertida: Uma Metodologia Ativa de Aprendizagem*. Rio Janeiro: LTC, 2018.

BETETTO, J. R. *O uso do vídeo como recurso pedagógico: conceitos, questões e possibilidades no contexto escolar*. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

BISPO, L. M. C.; BARROS, K. C. Vídeos do *YouTube* como recurso didático para o ensino de História. *Atos de Pesquisa em Educação*, 2016, vol. 11, no 3, p. 856-877.

BITTENCOURT, C. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez Editora, 2005 _____ (org.). *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006.

BONINI-ROCHA, A. C.; OLIVEIRA, L. F. DE; ROSAT, R. M.; RIBEIRO, M. F. M. Satisfação, percepção de aprendizagem e desempenho em vídeo aula e aula expositiva. *Ciências & Cognição*, v. 19, n. 1, 1 mar. 2014.

CAINELLI, M. R. TOMAZINI, E. C. S. A aula-oficina como campo metodológico para a formação de professores em história: um estudo sobre o Pibid / História / UEL. *História & Ensino, Londrina*, v. 23, n. 2, p. 11-33, jul./dez. 2017.

D'ASSUNÇÃO BARROS, J. Tempo e narrativa em Paul Ricoeur: considerações sobre o círculo hermenêutico. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, v. 9, n. 1, p. 1-27, 25 abr. 2012.

DEWITT, D. *et al.* The potential of *Youtube* for teaching and learning in the performing arts. In: *13th International Educational Technology Conference*. Kuala Lumpur, 2013.

DIAS, L. E. S. P. *A Metodologia da Aula-Oficina no Ensino da História e da Geografia*. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino da História e da Geografia – Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2014.

MACHADO, D. V. *Aplicação de videoaulas complementares e a análise do seu emprego no processo de ensino-aprendizagem em física no ensino médio*. Dissertação (Mestrado em Ensino de Física) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MAUAD, A. M; DUMAS, F. Fontes orais e visuais na pesquisa histórica. In: ALMEIDA, J. R.; ROVAI, M. G. O. (Org.). *Introdução à História Pública*. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. *Revista Comunicação & Educação*. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan. /abr. de 1995.

- MENESES, S.; MELO, F. E. A Babel do Tempo: Regimes de Historicidade e a história ensinada no universo virtual. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 18, n. 37, p. 154-178, maio/ago. 2017
- MENESES, U. T. B. Fontes visuais, cultura visual, história visual: balanço provisório, propostas cautelares. *Rev. Bras. Hist.*, São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, Jul. 2003.
- NAPOLITANO, M. A história depois do papel. In: PINSK, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- PAVANATI, I. SOUSA, R. P. L. História digital, ensino de história e tecnologias de comunicação digital. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011.
- PEREIRA, N.; TORELLY, G. O retorno da aula expositiva no ensino de História: notas para uma prática fabulatória. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 21, n. 2, 23 set. 2014.
- RAMOS NETO, J. O.; SÁ, J. P. Ensino de História e educação não formal: o fenômeno das videoaulas do *YouTube*. *Tecnia*, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 170-184, jun. 2019
- RICOEUR, P. *História e Verdade*. Rio de Janeiro: Companhia Editora Forense.
- RODRIGUES DE OLIVEIRA, A. A. O *YouTube* no ensino de história. *Revista Historiar*, v. 14, n. 26, p. 73-92, 27 maio 2022.
- RUBIO, J. C. C.; NAVARRO, Y. A produção de documentários como recurso didático TIC para o ensino de geografia e história: metodologia e proposta de trabalho. *Giramundo: revista de geografia do Colégio Pedro II*. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, p. 31-28, jan/jun, 2015.
- SCHMIDT, M. A. M. S.; CAINELLI, M. *Ensinar história*. São Paulo: Scipione, 2004.
- SEGANTINI, V. T. Estudando História na prática: produção de vídeos utilizando telefones celulares a partir de uma fonte histórica. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. *Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor PDE*, 2016. Curitiba: SEED/PR., 2018. V.1. (Cadernos PDE).
- SERRANO, K. E. *O uso das mídias no ensino de história para os anos finais do ensino fundamental*. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Mídias na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015.
- SIBÍLIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- SILVA, M. P. O. *YouTube, juventude e escola em conexão: a produção da aprendizagem ciborgue*. Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016.
- SILVA, R. C; VIEIRA, E. A. O. Videoaula como parte da mediação da aprendizagem. In: *XV Congresso Brasileiro de Ensino Superior à Distância. IV Congresso Internacional de Educação Superior à Distância*. Natal, 2018.